

Do springfield ao violão, do morteiro ao pandeiro: sambas, marchas e reminiscências nas canções compostas integrantes do Regimento Sampaio da Força Expedicionária Brasileira em 1945 e 1966*

From springfield to the guitar, from the mortar to the tambourine: sambas, marches and reminiscences in the gongs composed by Regimento Sampaio members of Brazilian Expeditionary Force in 1945 and 1966

Wanderson Ramonn Pimentel Dantas

Licenciado em História pela Universidade Federal do Piauí – UFPI; mestrando em História do Brasil pelo Programa de Pós-Graduação em História do Brasil – PPGHB – ligado à instituição anterior.

RESUMO

Esta pesquisa analisa as canções interpretadas na forma de sambas e marchas, compostas pelos veteranos do 1º Regimento de Infantaria (RI), o Regimento Sampaio. Essas canções foram gravadas em dois momentos: “Sambas produzidos na Campanha da Itália” e “Expedicionários em ritmos”. Seguindo uma análise bibliográfica, pretendemos abordar o caráter simbólico de Monte Castelo nas canções, e explicitar o porquê de sua presença nas reminiscências. Outro momento, da pesquisa, o objetivo é situar os documentos de áudio no tempo, compreender as circunstâncias do momento histórico no qual a canção foi composta, e as interpretações realizadas pelos veteranos em 1945 e 1966.

PALAVRAS-CHAVE: Força Expedicionária Brasileira; História; Sambas

ABSTRACT

This research analyzes the songs performed in the form of sambas and marches composed by veterans of the 1st Infantry Regiment, the Sampaio Regiment. These songs were recorded in two moments: “Sambas produced in the Italian Campaign” and “Expeditioners in rhythms”. Following a bibliographical aspect, we intend to approach the symbolic character of Monte Castelo in the songs, and to explain why the presence in the reminiscences. At another point in the research, the objective is to situate the audio documents in time, to understand the circumstances of the historical moment in which the song was composed, and the interpretations performed by the veterans in 1945 and 1966.

KEYWORDS: Brazilian Expeditionary Force; History; Sambas

* Artigo recebido em 12 de abril de 2019 e aprovado para publicação em 21 de maio de 2019.

INTRODUÇÃO

O pracinha brasileiro é o soldado que luta a mais árduas das lutas sorrindo, e sim, cantando também. Que vence os obstáculos e as asperezas da campanha, extraindo de cada dificuldade uma pilhéria, de cada vicissitude, uma anedota. São essas pilhérias, improvisadas dentro do próprio perigo; é essa capacidade de contar como anedota, os lances trágicos e instantes difíceis; é essa capacidade de esquecer a guerra no minuto preciso, que a guerra veste necessitar momentaneamente seu esforço, que se pode chamar o moral excelente do soldado brasileiro (HALLAWELL apud BBC, 1945).

O soldado brasileiro mostrou suas credenciais na guerra na Itália. Isto, ao considerarmos o ponto de vista do combate. Afinal essas demonstrações não ficaram somente no combate. Elas também mostraram a face das agruras da guerra. Aí, remontamos à epígrafe de Francis Hallawell. O correspondente é enfático ao expor aos ouvintes a inteligência do soldado brasileiro ao ponto de transformar a guerra em música. Ao ponto de converter a tristeza, o medo, as perdas e o perigo em controvérsias, pilhérias, anedotas e embarafustadas de ritmos dançantes ou não, mas acompanhado de brilhantes canções e astuciosas memórias. Tal história é a que queremos contar.

Marcos Napolitano (2005) constantemente alerta para a relação que a música tem mantido com a história. A abertura dos historiadores para o novo tipo de fonte exige, em contrapartida, o desenvolvimento de novas metodologias de análise. Os estudos realizados nesse sentido têm crescido, mesmo que a produção não seja considerada alta. E, por outro lado, vale ressaltar que a produção se permeia de grandes dificuldades para os historiadores ao realizar análise da música. A interdisciplinaridade do campo, certamente contribui para as grandes possibilidades analíticas, as quais as produções têm se concentrado, demonstram carência de método analítico próprio. Julgamos que aí não está a falha. Mas, sim, sua maior van-

tagem. A história em comunhão com as linguagens, com a musicologia ou até mesmo com a etnomusicologia tem proporcionado várias análises interessantes como o samba no Estado Novo proposta por Adalberto Paranhos (2015), destacando como a música se tornou um instrumento político de combate à política do regime.

Atualmente, vem surgindo a necessidade não só de historicizar a música como algo que completa o que há na documentação. A canção, nesse ínterim, funciona de forma diferente. Ela é uma fonte primária e carece de atenção especial como qualquer outra fonte documental anteriormente disposta. Como atesta José Geraldo Vinci de Moraes (2000), há a necessidade de compreender a composição em sua totalidade. O arranjo, a interpretação e letra. A abordagem realizada somente desse último sentido ignora a totalidade simbólica da canção. Ainda mais, ele compreende que o historiador, mesmo por não possuir noção alguma de música, pode realizar uma análise sucinta da linguagem musical.

Vale a pena destacar que esse trabalho não é pioneiro sobre o tema. Maria Elisa Pereira (2008) foi responsável por elaborar uma tese de doutorado que tratou da relação entre a guerra e a música. Por outro lado, podemos citar aqui César Campiani Maximiano (2004), Roney Cytrynowicz (2000) e Francisco César Ferraz Alves (2009). Claro, eles representam as matrizes desse estudo aos quais realizaremos conversações com Adalberto Paranhos (2000), Luiz Tatit (1990), etc.

Aqui também realizaremos diálogos com Clifford Geertz (1978) a respeito da compreensão do que seria esse simbólico em diálogo constante com Roger Chartier (2002) e a representação do universo simbólico presente constantemente na memória. Com relação à memória, espacialização e identidade, pretendemos realizar diálogos com Jacy Alves de Seixas (2001) e Michel Pollak (1992) para problematizar por um lado conceitos que nos são caros como representação, memória e cultura.

Assim, a pesquisa pretende analisar a produção musical dos pracinhas desde a letra, às memórias cuja intencionalidade

constava em cantar os feitos dos combatentes e mostrar ainda por cima que o brasileiro é um bom soldado. Também estaremos atentos às interpretações, porque, sintetizando Adalberto Paranhos, a interpretação é também uma composição (PARANHOS, 2000). Ao furtarmos dois momentos históricos, pretendemos contextualizar o intencional das canções e as formas que se recriam por meio das interpretações.

A primeira parte do trabalho procurou resumir a formação do Regimento Sampaio para a FEB, buscando informar o tipo de treinamento viabilizado para a Itália. O percurso dos cariocas foi longo até chegar ao complexo de defesa dos Apeninos, onde os alemães estavam estacionados. Além do mais, precisou passar por mais um período estacionado na Quinta Real San Rossore para rearmar-se e integrar ao grosso da FEB.

Num segundo momento, é necessário realizar um resumo da campanha no Monte Castelo. Afinal, é preciso responder a pergunta: por que o Monte Castelo permanece na história da FEB? Buscamos aqui, problematizar o “caminho galgado” pelos pracinhas mediante as narrativas escritas sobre os três ataques sem sucesso, tanto sob comando do General Paul Rutledge, como sob comando do General João Batista Mascarenhas de Moraes, no fatídico dia 12 de dezembro de 1944, que representou uma pesada derrota aos brasileiros. O saldo deste combate para os brasileiros foi pesado. Pretendemos aqui problematizar as consequências das ações militares desse dia e a influência que elas exerceram logo depois, em 21 de fevereiro de 1945.

Logo após, procuraremos contar a breve história da constituição do grupo de sambistas-soldados. O questionamento consiste em procurar conhecer esses soldados, quem eram e como se reuniram. Nesse momento, a análise determinou em falar a respeito das músicas do grupo, localizando as duas produções historicamente. No primeiro momento, procurando ressaltar o momento de euforia do fim da guerra. No segundo momento, procuraremos ressaltar a situação do Ex-combatente no grupo musical Expedicionários em Ritmos, no qual os combates da memória continuam.

A penúltima parte deste trabalho almeja trabalhar a representação da memória presente nas músicas. Ao procurar responder a seguinte pergunta: de que forma os combatentes apreenderam da guerra? Para responder a estas perguntas, problematizaremos as representações nas músicas relacionando com a história do combate no dia 21 de fevereiro de 1945. Cada uma dessas canções compõe o grande arcabouço de reminiscências dos combatentes, marcando o seu lugar no combate. Assim, a abordagem se pautará por analisar as duas mídias “Sambas produzidos na Campanha da Itália” e o *Long Play* “Expedicionários em Ritmos – 20 anos depois”.

“DE ONDE MESMO?”

O 1º Regimento de Infantaria, o Regimento Sampaio, situa-se na cidade do Rio de Janeiro. Dentre as três unidades que compuseram a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária ao integrar o contingente em 9 de agosto de 1943, por meio da Portaria Ministerial nº 43-44 (MORAES, 1947; CASTELLO BRANCO, 1960; CARVALHO, 1953).

Em 1943, a unidade deslocou-se para a Vila Militar. O intuito era adestrar a tropa conforme o modelo norte-americano da infantaria antes do destino final. Os oficiais da guarnição realizaram estágios nos Estados Unidos com o fim de aprender as estratégias e táticas de batalha a ser ministradas aos comandados (MCCANN JR., 1995). A escola de infantaria norte-americana Fort Benning ofertou o curso especial de infantaria. Alguns até estagiaram em unidades norte-americanas. O coronel Caiado de Castro, um entre os contemplados com o curso após retornar ao Brasil, foi indicado a assumir o comando do regimento em novembro de 1943.

A unidade embarcou na manhã de 22 de setembro de 1944. Lotado no 2º Escalão sob comando do General Cordeiro de Farias a bordo do *USS General Mann*. Desembarcaram em Nápoles na jornada de 6 de outubro de 1944 para logo após serem conduzidos à cidade de Livorno nas embarcações LCI – Land Craft Infantry – com destino final nas imediações da cidade de Pisa, na Quinta Real San Rossore (CASTELLO BRANCO, 1960).

O IV Corpo de Exército, unidade comandada pelo então Tenente-General Willis Dane Crittenberger, estivera à esquerda na linha do V Exército comandada pelo General Mark Wayne Clark. Essa unidade, à qual os brasileiros seriam integrados, justamente no incurso de 1944 necessitou de novas tropas para compor a unidade. Deveria haver o mínimo para a envergadura das operações elaboradas pelo Estado-Maior do V Exército. No entanto, o comando não dispôs de amplo dispositivo de tropas a empregar, mesmo que a topografia do *front*, em especial, urgisse na necessidade de tropas especialistas no combate em elevações. O empecilho consistiu na disposição de tropas com treinamento específico (salvo a 10ª Divisão de Montanha). Não houve alternativa senão acolher tropas à revelia da oferta (FERNANDES, 2011).

Ao chegar à Itália, o Regimento Sampaio precisou ser reestruturado para adestrar-se. Assim, passou a ser chamado de 1ª Grupamento Tático. Passaram um período de 35 dias para receber o material americano da Peninsular Base Section. Sob comando do General Euclides Zenóbio da Costa, o grupamento passou por testes necessários ao uso das tropas. Após o abreviado período, o Destacamento é extinto, para converter-se na 1ª DIE, sob comando do General João Batista Mascarenhas de Moraes. Na íntegra, o Coronel Nelson Rodrigues de Carvalho especifica-nos a movimentação:

[...] o REGIMENTO SAMPAIO [...] teve de fazer seguir o seu Batalhão Syzeno (IIª), que na noite de 20 de novembro entrou em linha, seguindo-se o Batalhão Franklin (IIIª), na noite de 21, os quais substituíram, do Regimento Ipiranga. Por sua vez, a 22, Cel. Caiado de Castro entrou na responsabilidade da defesa do Sub-Setor Oeste, instalando o seu P. C. em Marano. O Grupo Sousa Carvalho (IIIª) fazia o apoio de artilharia. A companhia Serpa-Sá Campelo (Obuzes) e o Batalhão Uzêda (1ª) permaneceram, porém, à disposição do Comando da Divisão, em Borgo a Capanne e Lustrola (grifo do autor; CARVALHO, 1953, p. 87).

Em suma, as primeiras ações militares empreendidas pelo Regimento Sampaio sucederam-se no vale do Reno: o desígnio de estabelecer das primeiras posições para a ação em Monte Castelo. Àquela altura, o objetivo do IV Corpo de Exército pretendeu liberar a Estrada 64 para empreender um ataque massivo à frente de Bolonha. O 1º RI foi incumbido substituir o 6º RI no dispositivo da tropa divisionária (CRITTENBERGER, 1994, FERNANDES, 2011).

“O MORRO MALDITO”

O avanço brasileiro impeliu avantajados esforços. O inimigo não foi numeroso em face das unidades brasileiras. No entanto, o fator moral da tropa permanecia alto. Os alemães possuíam virtudes que os tornaram os soldados mais bem adestrados da guerra mesmo durante intercurso de 1944, quando a conjuntura permanecia crítica à *Wehrmacht*. Entre as virtudes que mantiveram a força combativa do soldado alemão, estão a

obediência e a confiança, a cooperação, o domínio do armamento, tudo era repetido e exercitado na liturgia rude do instrutor germânico. Em meio à confusão da batalha, duas coisas deveriam preponderar: o autocontrole do combatente e a ordem no seio do seu grupo (FERNANDES, *idem*, p. 172).

Além disso, havia por parte dos comandantes um certo manejo e disposição estratégica dos soldados dado as constantes pressões sofridas desde o combate em Monte Cassino. O “modelo prussiano” de adestramento para combate permitia ainda, por parte dos comandantes, a

flexibilidade tática [...] [n]a realização das manobras rápidas de reagrupamento de forças, mesmo de unidades diferentes os (os *Kampfgruppen*), e tanto visava, digamos, aproveitar uma repentina oportunidade de aprofundar a penetração nas linhas inimigas, como operar em combate, ou ainda, em circunstâncias desvantajosas, sustentar um movimento re-

trógrado, agredindo e retardando os perseguidores (FERNANDES, Idem, p. 173).

Ou seja, do ponto de vista tático, os alemães obtiveram uma ligeira vantagem em relação aos assaltantes porque ocupavam as partes íngremes, direcionando o fogo ao sopé. Tal circunstância tornou-se nítida nos dois primeiros ataques ao Monte Castelo, sob responsabilidade do Brigadeiro-General Paul Rutledge, comandante da *Task Force 45* reforçada pelo do III Batalhão do 6º RI, juntamente ao Esquadrão de Reconhecimento executaram os primeiros assaltos no intercurso de 24 e 25 de novembro sob trágico insucesso.

A disponibilidade da tropa brasileira tornou-se fator que condicionou o General Crittenberger ceder o comando da operação ao General Mascarenhas de Moraes. Dentre as disposições, o comando determinava a obrigatoriedade de garantir as posições e manter-se em constante progresso na linha Monte Castelo-Monte Della Torracchia. O assalto realizou-se durante a soturna virada do dia 28 para 29 de novembro (CASTELLO BRANCO, 1960; MORAES, 1947).

No intuito de desonerar o General Mascarenhas de Moraes da disposição da tropa no combate, o General Euclides Zenóbio da Costa assumiu o comando do grupamento da ofensiva. Houve um reajustamento, no qual constavam o I Batalhão/1ª RI comandado pelo Major Olívio Gondim de Uzêda, III Btl./11ª RI do Major Cândido Alves da Silva e o III/6ª RI do Major Silvino Castor de Nóbrega, auxiliados pelo I/2ª ROAR sob comando do Tenente-Coronel José de Souza Carvalho. A tropa destinou-se a Silla com destino a La Ca – C. Guanella – Le Roncole.

Segundo Major Olívio Gondim Uzêda (1952, p. 35): “os elementos do Batalhão, que se deslocavam da sua base de fogos, sob as vistas dos magníficos observatórios alemães, que nos viam até a ‘alma’, foram submetidos a fortes bombardeios de morteiros, pois não tínhamos como localizá-los”. Diante dos apoios enérgicos do General Zenóbio, os pequenos avanços não lograram êxito. Logo, a investida foi interrompida ao anoitecer: o saldo foi negativo, logo, gerou

pesadas baixas. A ordem de retornar aos pontos de partida no intuito de reajustar o objetivo do ataque, foi a ação subsequente ao balanço da operação. Os claros decorrentes impeliram em pôr a tropa na reserva por dezesseis dias para recuperar-se física e moralmente. Àquele momento, tornou-se necessário analisar as falhas, sem deixar de colher informações sobre o inimigo e o peso da ofensiva malograda. Não obstante, o Regimento Sampaio teve de estar preparado para realizar novamente a ofensiva no Monte Castelo.

O ataque de 12 de dezembro de 1944 foi uma contingência de vários problemas. Na contramão, o General Mascarenhas empreendeu esforços para lograr êxito na operação. Com os recompletamentos realizados e o reconhecimento do terreno para que o ataque não envolvesse o complexo do Monte Belvedere por meio de patrulhas constantes. No entanto, as más condições atmosféricas do teatro, obrigaram a mudança do dia para 12 de dezembro. Não seria a primeira vez que representariam um problema sério para o estado-maior brasileiro. No entanto, houve firmeza ao decidir “capturar Castello e isolar Della Torracchia do maciço Gorgolesco-Belvedere” (MASCARENHAS, 1947, p. 119-120).

O General Zenóbio manteve-se no comando do dispositivo de ataque, composto no momento pelo II Btl./1ª RI e III Btl./1ª RI amparados por uma Companhia de Obuses da Artilharia. Mesmo que os comandantes houvessem deliberado a ação da artilharia antes do ataque, o Coronel Caiado de Castro houve por bem decidir que os ataques ocorressem sem artilharia. Segundo Walter de Menezes Paes, os planos dispunham as bases e as formas da empreitada:

o ataque, desta vez, será lançado de surpresa. Não haverá preparação de artilharia. O Escalão de ataque precisa ultrapassar, sem ser pressentido, a faixa inicial da Zona de Ação, pois aí, os alemães têm muito bem ajustadas barragens de deter, com artilharia e morteiros, responsáveis pela grande maioria de nossas baixas anteriores. Devemos cerrar sobre

as primeiras resistências inimigas e surpreendê-las. Nossos fogos – inclusive os de apoio direto – só serão desencadeados a pedido das Companhias depois de revelado o ataque. (PAES, 1991, p. 82).

Mediante o estabelecimento do dispositivo, às 6h30min da manhã de 12 de dezembro, as tropas deram início aos movimentos nas proximidades ao Monte Castelo. As condições meteorológicas, todavia, embaraçaram os avanços em curso. Em consequência da chuva fina e tonitruante durante a manhã, tornou o terreno lamacento inviabilizando também o emprego dos aviões do 1º Esquadrão de Aviões de Caça, e inviabilizando o emprego dos tanques.

Não houve sincronia na partida das tropas. O Batalhão Franklin partiu pela esquerda, avançando em direção à cidade de C. Guanella. Meia hora atrasado, partiu o Batalhão Syzeno. Em meio ao avanço árduo, alguns elementos do Batalhão Syzeno galgaram até a frente do objetivo. O fogo cerrado das metralhadoras, os constantes bombardeios da artilharia alemã martelaram as posições, provocando baixas vultosas. O Batalhão Franklin, por outro lado, viu-se completamente entrincheirado nas bases de fogo no transcurso da cidade de Abetaia. Mediante as proporções dos entraves, o General Zenóbio da Costa deliberou o término da operação, ordenando a restituição da defesa dos pontos de partida (CASTELLO BRANCO, 1960; CARVALHO, 1953; MORAES, 1947; UZÊDA, 1952).

Após o estorvo para a tropa brasileira, somente restou aguardar. A neve foi um dos fatores que impeliram o comando do IV Corpo de Exército a não empreender mais a ofensiva. O momento foi propício para manter-se na defensiva. Era necessário angariar recursos, preservar as tropas para a grande ofensiva planejada para o verão de 1945: o Plano Encore (BONALUME NETO, 1995, 183).

OS EXPEDICIONÁRIOS EM RITMOS: A HISTÓRIA DOS SAMBISTAS-SOLDADOS

Esse capítulo da história militar brasileira perpetuou-se de tal modo na memória

dos “sampaístas” que menções são presentes no seu estandarte, nas várias das reminiscências dos ex-combatentes. Desse modo, pretendemos analisar dois momentos das canções produzidas em formas de reminiscência: o programa *Sambas nascidos na campanha da Itália* e o *LP Expedicionários em Ritmos*.

A BBC – Britanic Broadcasting Corporation, a empresa britânica de comunicações – esteve cobrindo a guerra na Itália. Francis Hallawell, o “Chico da BBC”, foi correspondente do cotidiano da FEB ao longo da estadia na campanha por meio da gravação de vários programas e crônicas cotidianas cujos registros de áudio foram enviados para Londres, que logo após seriam remetidas ao Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), para retransmitir em ondas curtas ao Brasil. Segundo Maria Elisa Pereira (2008, p. 22):

A BBC produziu alguns discos originais em acetato na Itália, grandes (16 polegadas), e os reproduziu. Depois de prensados, cada conjunto de dois discos tem seus lados alternados (A/C, B/D), cada lado com perto de 15 minutos. Os toca-discos das rádios tinham duas pick-ups; assim que uma terminava de tocar o lado A, o *disc jockey* soltava o lado B, que já estava em outra, e assim sucessivamente. Na Casa da FEB do Rio de Janeiro, encontram-se as seguintes reproduções: “História do 6º RI”; “Um hospital na Itália”; “Sambas nascidos na Campanha da Itália”; Programa “Só pena que voa”; Programa “Hora – Rancho” e “Hora – Mala Postal”; “O Regimento Sampaio [1º RI] e a artilharia divisionária”; “O 11º RI”; “Conjunto da Cobra Fumando”; “O mestre pracinha”; “Caro expedicionário”; “Com as forças brasileiras na Itália” e “Missa na Catedral de Pisa”.

Aqui, os pracinhas escreveram músicas que se misturam em teias simbólicas. Suas memórias reevocadas especializam-se e deste modo tornam-se signos representativos, ou como prefere Clifford Geertz e Roger

Chartier, são símbolos imersos nessa teia de significados do grupo para significar a si mesmos (CHARTIER, 2002; GEERTZ, 1978). Assim, o período coincidiu com o auge do rádio brasileiro, a “era de ouro” da música popular brasileira. Sejam artistas renomados ou populares, adquiriam notoriedade a ponto de retransmitir em ondas curtas pelo País. As várias rádios clube serviram de palco para divulgações de composições populares como programas desenvolvidos pelo DIP (PEREIRA, 2008; VICENTE, 2017).

A rendição incondicional dos alemães, em 2 de maio de 1945, findou a guerra. A FEB passou um período curto na ocupação militar, para desmobilizar-se e voltar ao Brasil. As apresentações realizadas em Francoise logo após o término da Campanha em 1945 envolveram os combatentes do Regimento Sampaio anteriormente ao remanejamento para Nápoles, ao ter como destino final o Brasil. O Coronel Aguinaldo Caiado de Castro pensou numa forma de descontração e comemoração mediante o sucesso da unidade, com a apresentação da banda sob o comando do Primeiro-Tenente Haral Tabb de Moraes.

A iniciativa partiu do então Cabo Seraphim José de Oliveira em 1943. Durante o período de aquartelamento na Vila Militar, a rotina intensa impelia na concessão de pequenas folgas cujos momentos imperavam a descontração. Os relatos de alguns ex-combatentes são vivazes ao caracterizar suas experiências com a música. Nesse ambiente, ele descobriu outros que também improvisavam músicas. Destarte, a ele, juntaram-se os Terceiros-Sargentos Ary Carvalho Vasconcelos, Quialdo A. Lemos; os Cabos Walter Gomes, José Augusto Nogueira, Newton Ventrik Braga, Arode Lourenço da Silva, Hermínio Pacheco de Resende; e os Soldados Natalino Cândido da Silva, Pieri Junior e Eupídio Viana.

Naquele momento, os companheiros novos dos músicos-infantes trocaram instrumentos: o springfield pelo violão, o pandeiro pelo morteiro, que estiveram presentes nas ações do dia 21 de janeiro 1945. Logo após uso das armas, resolveram contar o combate/experiências em oito canções: “Parabéns”, “a Lurdinha está cantando”, “Mas

onde vi muito tedesco”, “Cabrocha baiana”, “No Brasil tem”, “Tedesco levante o braço”, “Sorrindo e cantando” e “Minha homenagem”. Os brasileiros encantaram com os sons compostos. Além do mais, inovaram ao produzir, pois convertiam agruras, dificuldades, tensões e mortes na irreverência do samba, da marcha. Apropriavam-se das agruras e transformavam em pilhérias.

Após a apresentação, os sampáistas no 5º escalão de regresso da FEB. O 1º escalão presenciou a euforia contagiante do Rio de Janeiro. Ocasão que rapidamente arrefeceu. Isto porque, ao contrário do que imaginavam, os diferentes ex-combatentes viveram períodos que Francisco César Alves Ferraz (2010) distingue como desmobilização e festas: houve festas, comemorações bebidas pagas, promessas de emprego. O processo de esquecimento acelerado pelo passar dos anos obteve contribuição de fatores políticos e militares, principalmente a alta oficialidade “caxias” do Exército. Os febianos não se tornaram esse vetor de modernização do Exército como planejou-se antes de enviá-los, em contrapartida, eles assumiram a posição de agentes de memória da FEB nas associações.

Ao assumir essa tarefa, a batalha dos veteranos verteu-se na trincheira da memória. A memória tornou-se a eles sua identidade, Sintetizando Pollak, os veteranos constroem a si mesmos por meio das lembranças, ou seja, assimilam uma identidade (POLLAK, 1992). Desse modo, as associações de ex-combatentes, por exemplo, tornaram-se essa vanguarda na luta contra o esquecimento (FERRAZ, Idem). No entanto, algumas outras armas para o combate, como o *Long Play, Expedicionários em Ritmos – 20 anos depois –*, reataram laços com o passado vitorioso. O reencontro do grupo composto por Seraphim José de Oliveira, Raimundo Oliveira da Silva, Arodi Lourenço da Silva, Pieri Júnior, Nelson Barros, Newton Ventrick Braga, José Augusto Nogueira, Ary de Carvalho Vasconcelos; sob companhia dos instrumentos, respectivamente: *crooner* e violinista, violinista, violinista tenor, tantan, pandeiro, cabaça, reco-reco, ganzás; significa um novo momento artístico para os ex-combatentes no campo artístico e político.

O LP continha 12 músicas, concomitantemente: “Presente”, composta por Roldão Alves Guttemberg; “Heróis da Retaguarda”, por Pieri Júnior; “Tedesco levante os braços”, por Pieri Junior; “A Lourdinha está cantando”, por Natalino Cândido; “Onde eu vi muito tedesco”, por Natalino Cândido; “Tedesco eu quero ver”, Seraphim José de Oliveira; “Capitão ledó comandou”, Seraphim José de Oliveira; “Minha homenagem”, por Pieri Junior; “Sorrindo e cantando”, por Pieri Junior; “Acelerado”, Seraphim José de Oliveira; “Parabéns à FEB”, por Seraphim José de Oliveira e por fim, “No Brasil tem”, de autoria do anterior.

O Capitão Seraphim José de Oliveira, aproveitando do cargo no Serviço de Relações Públicas do Ministério da Guerra, foi responsável por esta reunião. A apresentação no Clube Municipal do Rio de Janeiro rendeu, além de lembrar as canções que marcaram a vida de cada um, calorosos aplausos para o delírio de uma plateia bem mais ampla que os expedicionários de outrora (EXPEDICIONÁRIOS, 2002). O cenário musical permuta-se. O rádio cede lugar para a indústria de LP’s. Considerando a situação periférica do Brasil, Marcos Napolitano (2005, p. 37), compreende que, naquele período, havia um comércio em ascensão: “o consumo de produto fonográfico mais caro da época em questão – o LP – era o carro-chefe da indústria, uma tendência próxima aos países capitalistas centrais”.

A repercussão levou-os longe. Ao ponto de o grupo apresentar-se no programa de TV do apresentador João Roberto Kelly. Nesse momento, o grupo entra no eixo mercadológico da música popular, corroborando com a gravação do LP durante o ano de 1965 (EXPEDICIONÁRIOS, op. cit.). A proposta de gravação justamente por reatar com a “Era de Ouro” do samba em contraposição a uma época em que a MPB e a Bossa Nova representavam a nova linha de frente da música popular. A gravadora Chantecler dispôs interesse na iniciativa. Aproveitando o saudosismo histórico dos agentes de memória no processo de rememoração, a gravadora tem interesses mercadológicos. Segundo Eduardo Vicente (2017), a crescente hierarquização da

gravação da música popular seguiu-se da abertura do mercado musical para empresas estrangeiras, cujo interesse mercadológico visava artistas nas grandes mídias. Ele concorda com Marcos Napolitano que o mercado de LP’s ainda não se apresentava a uma grande massa de consumidores. Pelo contrário, voltar-se-ia para um mercado regional e o público de menor valor aquisitivo. Lançaram novos artistas, e novos estilos; e reataram com estilos que voltaram à época saudosa do samba carioca.

FORJOU O REGIMENTO SAMPAIO MAIS UM ELO NA FEB PARA A HISTÓRIA DO BRASIL!

César Campiani Maximiano (2004, p. 353) atenta para a importância da compreensão da vivência dos expedicionários no *front* por meio do caráter simbólico das suas produções. A fabricação de memórias, as várias representações, sejam elas por meio de fotos, áudios, e testemunhos escritos, constituem-se vetores para compreender suas apropriações da guerra. Desse modo, tais formas foram reflexos em fatores de expressão e tensões do *front* refletida na produção: “Uma fonte que auxilia o entendimento das racionalizações criadas pelos febianos, para lidar com a realidade da guerra são as poesias e as canções compostas pelos soldados, muitas vezes escritas dentro de seus abrigos individuais no *front*”. Em suma, tal consideração torna possível também, compreender o delineamento da ofensiva. Desse modo, continuaremos a analisar os dois momentos das canções e as formas musicais que tomaram.

O comando brasileiro foi incumbido de realizar difícil missão. O IV Corpo delimitou que a ofensiva não seria realizada somente pela FEB, tanto que houve ajuda da recém-ingressa 10th Mountain Division. A unidade ficou responsável por compor a ofensiva principal em direção ao Monte Della Torracchia com o dispositivo de ataque da 1ª DIE à direita, mantendo contato com o 371º RI. Durante a alvorada do dia 18 para 19, as operações começaram e a tropa americana logra êxito sobre o Monte Belvedere seguindo para dispor condições para o avanço geral.

Coube ao Regimento Sampaio, aparelhado no dispositivo de ataque, adentrar em linha durante a virada do dia 20 para o 21. O grupamento continuou sob comando do General Zenóbio e manteve a configuração: I Btl/1ª RI, III Btl/1ª RI e II Btl./11ª RI com auxílio do 1ª GAvCA. O primeiro objetivo foi tomar Mazzancana para poder empreender ataque sobre o Monte Castelo. O II Btl./11ª RI ficou na região de Abetaia para realizar manobra diversionária.

Ao iniciar a investida às 5h30 do dia 21 de fevereiro, os brasileiros movimentaram-se rumo ao objetivo. A ação militar foi captada pela canção composta e interpretada pelo Soldado Natalino Cândido “Onde eu vi muito tedesco”, na qual ator tomou parte como soldado. Ele demonstra destreza ao narrar a tomada do Castelo pelo fato de realizar uma embolada: ritmo característico do Nordeste, embarafustado de tom satírico, ele demonstrava à sua maneira guerra:

Mas onde eu vi muito tedesco
Foi no Monte Castelo
Subindo ao monte
Encontrei sinhá Lurdinha
Tava toda afobadinha
Querendo me pegar
Joguei-me ao solo
Comecei a rastejar
Farejava, farejava
Mas nada de me encontrar
(BBC, 1945).

O estilo musical combina características das Jazz bands, influenciada pelos instrumentos de sopro típicos aos aspectos da música popular com a gíria da malandragem carioca, sem olvidar o caráter nordestino de “embolar”, bem característico da música popular carioca. Em tom de dúvida, ele inquire ao cantar o estribilho para que o restante do grupo responda: “foi no Monte Castelo!”. Sem auferir característica desproporcional, ele procura reforçar a quantidade de alemães que enfrentou a galgar o objetivo. O valor simbólico da canção fala das dificuldades do infante ao enfrentar a metralhadora: abaixar era necessário para manter-se vivo.

Logo em seguida
Vinha um tal de 88
Que também todo afoito

Quería me acertar
Mas eu também
Que conduzia o meu 60
Fui metendo a mão na venta
E 88 fiz calar [...]

O 105 atirava com afinco
Era quatro e era cinco
Nossa tropa avançava
A aviação que
Causou grande confusão
Cada vez que se abaixava
Era um ovo que soltava (BBC,
idem).

A citação é longa, mas torna-se válida a nossas pretensões. O autor não pretendia somente mostrar seus feitos, queria apontar que o infante não dispunha somente da “Lurdinha” como inimiga: havia também o “tal de 88”. Aqui, ele faz referência ao temido Flak 88, a arma projetada para destruir tanques e aviões, como também era convertida em artilharia para avanço da infantaria. No entanto, contorna a situação com que dispunha: o “60”, o “105” e o “ovo da aviação” provaram o sobressalto brasileiro sobre a tropa que defendia o Monte Castelo. Respectivamente, o morteiro de 60 mm, o obus de 105 mm e os *P-47 Thunderbolt*, caças-bombardeiros que martelavam as posições dos alemães nas alturas “soltando ovos”, ou seja, as bombas. Impôs a muitos o abandono das posições firmemente defendidas e bem-dispostas no terreno íngreme. A ação do *Senta a Pua* foi fundamental a garantia do avanço das tropas.

Cada unidade experienciou de sua forma no dispositivo de ataque da FEB. Cada ex-combatente, a seu modo, possui uma forma de relatar os acontecidos daqueles dias. O Soldado Pieri Junior, o enfermeiro da 8ª Cia. do III Btl., mantinha posto avançado às linhas inimigas. A canção, embarafustada na gíria “Tedesco levanta os braços!”, representa o inevitável contato com o inimigo, cuja ação primária consta em desarmá-lo para não apresentar perigo. Na canção a seguir, ele expõe a situação que os infantes brasileiros passaram no dispositivo de ataque:

Tedesco levante o braço
E peça a paz
Tedesco levante o braço
Que já é tarde demais

Resolva logo a sua situação
Que lá vai tiro de metralha
De bazuca e de canhão (BBC,
idem).

A marchinha incorporou a estrutura rítmica americana esbanjando solos de pistão e trombone antes e depois da letra, somado ao acompanhamento do violão. O autor da letra também é o intérprete. Mas, durante a frase “Que lá vai tiro de metralha/ De bazuca e de canhão”, o grupo faz coro à sua voz solitária. A música reveste-se de tons bem característicos da cultura popular brasileira com o aspecto lúdico, no entanto não esconde a tensão da circunstância. Semelhante experiência obteve o Terceiro-Sargento Silas Munguba, pertencente ao grupo de combate da do I Btl. Aborda a respeito da famosíssima patrulha do Tenente Rigueira, em que o sargento foi atrás de alemães na casa de um italiano próximo do Monte Castelo. Na íntegra, ele relata:

Quando a gente chegou e olhou, o coitado do italiano viu aquilo e deu um berro: ‘sentinela *tedesca*’, ‘sentinela alemã’. Ao dizer isso, o toco – que era um vigilante, um vigia que eu pensava ser um toco – virou-se para mim e deu um grito [...] *raus! raus!*, [...] dizem que é ‘fora daí’ num tom bem agressivo. Empunhei a metralhadora, aponto para ele (estava bem perto, talvez uns 15 metros); quando puxo o gatilho, não funciona; [...] peguei a granada de mão; quando fui botar o dedo no aro para tirar o grampo, não entrava, porque a luva era grossa. Repare, tudo isso em décimos de segundos; então tirei a luva com os dentes, arranquei o grampo e lancei a granada. Acabei com aquele camarada ali (BRASIL, 2001, p. 94).

As reminiscências do ataque ainda reservam mais histórias. Os três batalhões em linha naquele dia a cada avanço, obtiveram perspectivas diferentes da guerra.

Noutro momento, urge analisar algumas canções divulgadas no LP Expedicionários em Ritmos. A música é conhecida pela arte

de reinventar-se, por constantemente porque ela segue os ritmos presentes na cultura popular. Os sambistas ex-combatentes reinventam-se também. Nesse momento, os “sambas fazem-se e refazem-se” apropriando-se de algumas novas características que no programa “Sambas nascidos na Campanha da Itália”, ainda não estavam presentes. Como ressaltamos, eles foram convidados para regravar algumas canções. O que percebemos é que há uma nova roupagem, porque os sambas agora estão voltados para o *show business*, e a relação entre mercado e música, segundo Luiz Tatit (1990), estará mais considerada. Ora, a própria proposta da Chantecler para reatar com um estilo de música regional, favorecendo a um mercado popular representa uma estratégia de mercado.

A canção composta por Natalino Cândido, “A Lurdinha está cantando”, passa por uma modificação considerável. Ela possui um novo aparelho rítmico, mais sincopado e com a presença de percussão. Ao contrário do primeiro momento, haverá outro ponto circunstancial para modificação da música: o engenheiro do som. Ao retomarmos Luiz Tatit, ele define este homem como o “produtor, diretor ou técnico do som, esta personagem oculta cuja habilidade é totalmente desconhecida do grande público está por trás de inúmeros êxitos no mercado do disco” (Idem, pp. 41-42). A música possui recursos musicais que não haviam, como o sibilar de uma metralhadora durante o estribilho:

Você já viu iaiá
Você já viu iaiá
No *front*, a Lurdinha cantar
A turma tem que ficar
Atenta para escutar
É a metralha vamos atacar (NASCIMENTO, 2014).

Quanto ao valor simbólico, a música apresenta peculiaridades a respeito do valor do comando em uma missão. O infante precisa ficar atento para os desdobramentos durante as operações. Ricardo Bonalume Neto (1995, p. 197) atesta que havia a necessidade constante de empregar fogo e movimento porque

Mudando dinamicamente o ponto de onde sai o fogo das diversas armas, fazendo as unidades se apoiarem mutuamente, requisitando o apoio da artilharia, o avanço pode prosseguir desse modo sistemático. Mas não é fácil. O soldado que avança se expõe.

Aliás, não podemos esquecer que o ex-combatente andava com 25 kg a mais carregando o fuzil e cunhetes com as balas e outros materiais em franca progressão escarpada (MAXIMIANO, 2004). Assim, urgia o valor da liderança, como o restante da canção evidencia:

A voz de comando
É firme e segura
A turma avança
Ninguém tem paúra
Aquele corre-corre deixa até a roupa!
Pro brasileiro, alemão é sopa!
Pro brasileiro, alemão é sopa! (NASCIMENTO, 2014).

Sem se abster da malandragem, o autor da música embarafusta a linguagem com termos cariocas e italianos. “Paúra”, remete-se a medo: coisa que o combatente deveria esquecer no momento que “corre-corre” para tomar a metralhadora. Natalino Cândido, noutro momento, em vídeo gravado, afirma o porquê da expressão “pro brasileiro alemão é sopa”. Ele afirma que era uma forma de desmoralizar – o que é bastante comum no *front*, todos os apelidos como “tedesco”, “fritz”, “hans” eram demasiadamente comuns para a tropa aliada – mediante a propaganda alemã, que afirmou que o “o preto brasileiro manchava os brancos” e que “todo preto brasileiro é sifilítico” (NATALINO, 2014).

O valor da liderança ainda é realçado pela figura do Capitão Yedo Jacob Blauth. A música composta por Pieri Junior e interpretada pelo Seraphim José de Oliveira, “Capitão ledô comandou”, ressalta o brio de um dos comandantes ativos na tomada do Monte Castelo. À guisa da representação:

Capitão Yedo comandou (comandou!)
A minha terceira atacou
Escalamos com nossas baionetas
Foi só pena que voou!

Sob o comando
Do bravo capitão
Aproximei-me do buraco
Onde estava o alemão
Quando ele viu
O fio do meu padrão
O bicho ficou tremendo
E caiu duro no chão

[...] O brasileiro
Com bravura e devoção
Conquistou Monte Castelo
Que era do alemão
No corpo a corpo
Houve muita confusão
Foi até rabo de arraia
Pauladas e pescoção (NASCIMENTO, 2014).

A marcha-rancho em ritmo menos sincopado e mais marcada e mais ritmo apresenta na composição constante acompanhamento de violão e da batucada bem compassada. Outro ponto importante é a presença dos *backing vocals* em breque, cujas vozes femininas fazem eco a voz de Guttemberg. Esse é outro aspecto que proporciona-nos entender a importância da engenharia sonora na constituição do som.

Quanto ao aspecto simbólico, podemos perfeitamente compreender o valor do comandante durante os combates. Cujo combate corpo a corpo foi necessário muitas vezes. O Capitão Yedo eternizou-se por ser um dos gravemente feridos durante a tomada. O Major Olívio Gondim de Uzêda ressalta a importância que o valente capitão da 3ª Cia exerceu durante o assalto, realizando patrulhas e limpando a área da cota 1027 a Carjé. Por volta das 16 h, a Cia do capitão deslocou-se a noroeste do alvo, onde os progressos desimpedidos de alguns dos seus comandados mais avançados tomaram-no às 18 h. Logo após tomar-se o objetivo, era necessário estabelecer dispositivos defensivos para repelir contra-ataques e proteger-se contra a “chuva de artilharia”, que o vitimaria (UZÊDA, 1952; CARVALHO, 1953).

Ao que parece, o Capitão Blauth apela ao comandante do batalhão para o reforço de mais uma subunidade. O Major Uzêda, por outro lado “incentiva-o, faz-lhe um apelo em nome do Brasil, dizendo-lhe que nossa missão ainda não está completa” (Idem, p. 114).

E realmente não estava. Àquele momento, faltava a tomada do complexo do Monte Della Torracchia, que ainda não havia estado em mãos americanas devido à resistência incisivada das defesas alemãs. Os avanços foram sendo empreendidos para a linha Roncovecchio–Seneveglio pelo III Btl./11ª RI do Major Ramagem e o II Btl. do Major Syzeno tomaram o Monte Della Caselina, avançando por La Serra. Retomando novamente à canção de Natalino Cândido, a tropa do Batalhão

Major Syzeno também fez a sua guerra
Com a conquista de La Serra
Com todo seu batalhão
E foi a quarta
Foi a quinta
E foi a sexta
Até mesmo CPP com 81 em posição
(NASCIMENTO, 2014).

Tremendo foi o combate! A “sexta” (6ª Cia.) comandada pelo Capitão Wolfango Mendonça adentra o dispositivo protegido da cota 958 ao objetivo, percorreu campos minados e o bombardeiro frenético. Expulsou os alemães por volta das 23h e ainda suportou três contra-ataques. As operações em torno do Monte Castelo estavam encerradas nesse momento (CARVALHO, 1953; MORAES, 1947). Mas, os avanços não poderiam parar, já que ainda havia muitos alemães para serem expulsos no Vale do Marano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar disso, resta saber por que o Monte Castelo aparece tantas vezes na música dos Expedicionários? Muitos autores denotam que a tomada daquele objetivo lavou a honra dos comandantes brasileiros (CASTELLO BRANCO, 1960; CARVALHO, 1953;

FERNANDES, 2015; MORAIS, 1947). Contudo, o que representou para os soldados? Podemos dizer que seria uma questão de honra, mas de honrar as vultuosas baixas que o morro demandou para ser tomado. Não menos importante, o morro imortalizou-se e hoje faz parte da tradição do Exército comemorar o dia 21 de fevereiro de 1945.

Os combatentes do Regimento Sampaio foram herdeiros das glórias do grande General Sampaio o herói de Tuiuti. Não foi despreziosa a forma que a batalha do Castelo aparece em muitos relatos. A eles, essa foi a “Batalha de Tuiuti” dos ex-combatentes. As dificuldades dos três últimos ataques do qual participaram renderam muitas vidas de homens. Inclusive não podemos dizer que houve marcas somente pelos que tombaram: os que perderam membros, os psicologicamente afetados pelas agruras também sofreram em longo prazo preço muito caro, por sinal, de cada tentativa.

Os homens que em 1945 cantaram para o Brasil por meio da rádio e que novamente cantaram em 1966 para os ouvintes de LP desejavam não somente perpetuar a glória do Regimento, mas mostrar o caráter humano, ou melhor, as representações do infante sobre a batalha e também lutar intensamente contra o esquecimento ao qual os ex-combatentes diariamente sofrem, aliado a outro, tenaz e implacável: o tempo. Por fim, ressaltamos que o aspecto malandro, típico dos cariocas ritmado ao dever de comprometimento aos companheiros, como destaca Ricardo Bonalume Neto: “Cada veterano tem orgulho da sua unidade e acha que ele era a melhor, desde o regimento [...] até as menores frações como pelotões e grupos de combate” (BONALUME NETO, 1995, p. 132).

REFERÊNCIAS

- BBC News Brasil. *Sambas nascidos na Campanha da Itália*. 1945. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/media-43385808>>. Acessado em 20 de setembro de 2018.
- BONALUME NETO, Ricardo. *A nossa Segunda Guerra: os brasileiros em combate, 1942-1945*. Rio de Janeiro: Expressão e cultura, 1995.
- BRAGA, Rubem. *Crônicas de guerra*. 2. ed. São Paulo: editora do autor, 1965.

BRASIL. *História oral do Exército na Segunda Guerra Mundial*. Tomo 2. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001.

CÂNDIDO, Natalino. *Lurdinha*. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lv30YPix6QE>>. Acessado em: 20 de setembro de 2018.

CARVALHO, Nelson Rodrigues. *Do Terço Velho ao Sampaio da FEB*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1953.

CASTELLO BRANCO, Manoel Thomaz. *O Brasil na II grande guerra*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1960.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

CYTRYNOWICZ, Roney. *Guerra sem guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Geração Editorial, 2000.

CLARK, Mark Wayne. *Risco calculado: a história da guerra no Mediterrâneo*. Trad. de Newton C. de Andrade Mello. Rio de Janeiro: BIBLIX, 1960.

EXPEDICIONÁRIOS em ritmos. In: INSTITUTO CULTURAL CRAVO ALBIN. *Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira*. 2002. Disponível em: <<http://dicionariompb.com.br/expedicionarios-em-ritmos>>. Acessado em: 20 de setembro de 2018.

FERNANDES, Fernando Lourenço. *A estrada para Forno: a FEB – Força Expedicionária Brasileira, outros Exércitos & outras guerras na Itália, 1944-1945*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, BIBLIX, 2011.

FERRAZ, Francisco César Alves. *A guerra que não acabou: reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)*. Londrina: Eduel, 2012.

FRÖLICH, Sirio Sebastião. *Vozes da guerra*. Rio de Janeiro: BIBLIX, 2015.

GEERTZ, Clifford. *Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

MCCANN JR, Frank D. *Aliança Brasil-Estados Unidos, 1937-1945*. Trad. Jayme Taddei e José Lívio Dantas. Rio de Janeiro: Bibliex, 1995.

MAXIMIANO, César Campiani. Neve, fogo e montanhas: a experiência brasileira de combate na Itália (1944/45). In: CASTRO, Celso; IZECKSOHN, Vitor; KRAAY, Hendrik. *Nova História Militar Brasileira*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 343-364.

MORAES, João Batista Mascarenhas de. *A F.E.B. pelo seu comandante*. São Paulo: Progresso Editorial, 1947.

MORAES, José Vinci de. História e Música: canção popular e conhecimento histórico. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 20, nº 39, p. 203-221. 2000.

NASCIMENTO, Eloisio. *Expedicionários em ritmos*. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YPhrQCK5WhE>>.

NAPOLITANO, Marcos. *História & música: história cultural da música popular*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PAES, Walter de Menezes. *Lenda azul: a atuação do 3º Batalhão do Regimento Sampaio na Campanha da Itália*. v. 1 e 2. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1991.



PAPPON, Thomas. Arquivo revela natal de soldados brasileiros sob granadas e ao som de Noel Rosa na 2ª Guerra. *BBC News Brasil*. Londres, 22 de setembro de 2017. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-42454215>>.

_____. Como um engenheiro se transformou no correspondente que imortalizou a voz e a luta dos soldados brasileiros na 2ª Guerra. *BBC News Brasil*. Londres, 19 de março de 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43415056>>.

PARANHOS, Adalberto de Paula. *Os desafinados: sambas e bambas no Estado Novo*. São Paulo: Intermeios, CNPq, Fapemig, 2015.

_____. Sons de sins e de não: a linguagem musical e a produção de sentidos. *Projeto História*, n. 20. São Paulo: Educ/FAPESP/Finep, 2000, p. 224.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PEREIRA, Maria Elisa. *Você sabe de onde eu venho? O Brasil dos cantos de guerra (1942-1945)*. Tese. São Paulo. Universidade de São Paulo, 2009.

ROTTMAN, Gordon L. *US 10th Mountain Division in World War II*. London: Osprey Publishing, 2012.

TATIT, Luiz. Canção, estúdio e tensividade. *Revista USP*. São Paulo, p. 41-44, Dez/Jan e fev de 1990.

TINHORÃO, José Ramos. *Música popular: um tema em debate*. 3. ed. São Paulo: Ed. 34, 1997.

UZÊDA, Olívio Gondim de. *Crônicas de guerra*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1952.

